

CASAMENTO DE HOMOSSEXUAIS E OS EQUÍVOCOS DO SENHOR BISPO DE VISEU

08-Jan-2010

OpiniÃ£o

Texto de Carlos Vieira

Tenho o maior respeito pelo senhor Bispo de Viseu. JÃ¡ aqui enalteci a sensatez e humanidade que demonstrou ao demarcar-se da posiÃ§Ã£o do Papa Bento XVI ao afirmar que o uso do preservativo, por parte de uma pessoa infectada pelo vÃ-rus da SIDA, Ã© somente a aconselhÃ¡vel como poderÃ¡ ser eticamente obrigatÃ³rio. E quando desafiei publicamente a levar a sua coragem um pouco mais longe, nÃ£o restringindo a opÃ§Ã£o pelo preservativo apenas aos infectados pelo HIV, mas a todos os que tenham comportamentos de risco, na esteira aliÃ¡s de outros membros da Igreja catÃ³lica, como o Bispo Torgal Ferreira que ao comentar as afirmaÃ§Ãµes do Papa, afirmou que Ã© proibido o preservativo a condenar a morte milhÃµes de pessoas, o bispo IlÃ¡dio Leandro, embora passando ao lado do uso alargado do preservativo, voltou a dar mostras da sua lucidez ao defender o divÃ³rcio em casos de violÃªncia conjugal ou sempre que o casal nÃ£o consegue viver no amor, nem recomendar uma experiÃªncia falhada. TambÃ©m nÃ£o esqueÃ§o que aceitou subscrever a Carta Aberta Sobre PolÃ-ticas de ImigraÃ§Ã£o, promovida por 21 associaÃ§Ãµes de imigrantes e de defesa dos direitos humanos (entre as quais a AssociaÃ§Ã£o Olho Vivo), ao lado de muitas personalidades conhecidas, dirigida aos Ã³rgÃos de soberania e aos partidos polÃ-ticos, contra as polÃ-ticas nacionais e europeias que discriminam os imigrantes e dificultam a sua integraÃ§Ã£o na sociedade. Por tudo isto, fiquei profundamente desiludido ao ler o artigo de opiniÃ£o que o bispo IlÃ¡dio Leandro assinou no Jornal de NotÃcias do passado dia 3, com o tÃ-tulo "Casamento gay e famÃlia".

Ã

Escreve o Bispo de Viseu que o governo escolheu a quadra do Natal para "machucar a FamÃlia e desestabilizar a Ãnica e verdadeira base de uma Sociedade assente em princÃpios que derivam das pessoas (...) consagrando como "casamento" uniÃµes tÃo distintas e tÃo contrÃrias " na essÃncia e nos fins " ao consagrado a aceite casamento de um homem e de uma mulher, base da famÃlia".

Ã Por curiosa coincidÃncia, nesse mesmo dia, saÃ-a num outro jornal, o PÃblico, um artigo de um outro homem da Igreja catÃ³lica, Frei Bento Domingues, que, nem de propÃsito, respondia, assim, a s angÃstias manifestadas pelo bispo Leandro:

Ã "A discussÃo em torno do "casamento" entre homossexuais continua (...) Os bispos portugueses manifestaram-se nitidamente contra, mas sem apelar a manifestaÃµes de rua. Talvez seja a atitude mais acertada. NÃo Ã, aliÃs, uma questÃo que diga directamente respeito Ã jurisdicÃo da hierarquia, pois nÃo se trata da celebraÃo catÃ³lica de "casamento" entre homossexuais".

Ã "Como se estivesse a responder tÃo a tÃo aos argumentos do Bispo de Viseu, o eminente teÃlogo dominicano, aborda, no citado artigo, a relaÃo entre o espÃrito do Natal e a famÃlia, ainda muito centrado na beneficÃncia e na caridade, acrescentando:

Ã "No entanto, a Igreja catÃ³lica, na defesa da famÃlia, terÃ de colocar na suas agenda uma outra perspectiva: sÃ se defende bem a famÃlia quando se vive no horizonte do mundo como famÃlia, isto Ã, na construÃo de um mundo de irmÃos. (...) No fundo, esquece-se o contencioso de Jesus, testemunhado nos Evangelhos, com a famÃlia em geral, com as famÃlias dos discÃpulos e com a sua famÃlia de NazarÃ. Consta, literalmente, que os familiares de Jesus, por causa de andar a fazer famÃlia com quem nÃo era da famÃlia e fazer da casa dos seus pais e irmÃos a casa dos necessitados e excluÃ-dos, quiseram prendÃ-lo, julgando que Ele estava doido: (...) "EstÃo IÃ fora a tua mÃe e teus irmÃos que te procuram". Ele respondeu: "Quem sÃo minha mÃe e meus irmÃos?" Percorrendo com o olhar os que estavam sentados Ã volta dele, disse: "Ã- estÃo minha mÃe e meus irmÃos (Mc 3, 20-21:3, 31-35).

Ã Para os catÃ³licos nÃo deveria haver melhor quadra do que a do Natal para acabar com discriminaÃµes preconceituosas, quando nasceu "a Estrela para todos aqueles que nÃo querem uns Ã mesa e outros Ã porta", para utilizar, ainda, palavras de Frei Bento Domingues. O senhor Bispo IlÃdio que me desculpe, mas, ao escrever que para cada pessoa defende o "mÃximo de respeito e de dignidade", para, logo depois, negar aos homossexuais o direito a serem felizes, casando civilmente, se quiserem unir-se por este contrato legal, faz-me lembrar os discursos racistas que, recorrentemente, comeÃsam por declarar: "eu cÃ nÃo sou racista, mas...os ciganos...; os pretos...".

Â Querer chamar outra coisa qualquer ao casamento dos homossexuais Â© discriminar homens e mulheres que tÃam uma orientaÃ§Ã£o sexual diferente da maioria, dÃem-lhes as voltas que quiserem. E a ConstituiÃ§Ã£o da RepÃblica proÃbe a discriminaÃ§Ã£o com base na orientaÃ§Ã£o sexual.

Â Lamentavelmente, o PS ao pretender acabar com esta discriminaÃ§Ã£o, incorre numaÃ outra, a proibiÃ§Ã£o dos homossexuais poderem adoptar crianÃas, quando na realidade jÃ hÃi homens e mulheres homossexuais a viverem como casais do mesmo sexo que tÃam a seu cargo os filhos de casamentos anteriores ou atÃ© filhos adoptivos. Qualquer indivÃduo solteiro, seja qual for a sua orientaÃ§Ã£o sexual, pode adoptar uma crianÃa. Ainda recentemente o Tribunal de Oliveira de AzemÃis entregou uma crianÃa aos cuidados de um tio, assumidamente homossexual, que vive com o seu companheiro. De facto, o que interessa num processo de adopÃÃo Â© o superior interesse da crianÃa e, nesse sentido, a capacidade parental de quem dela cuida.

Â O casamento, mesmo o religioso, tem mudado de acordo com a evoluÃ§Ã£o civilizacional. Segundo a religiÃo judaica (a que Cristo professou e criticou) a lei bÃblica autorizava o homem a tomar uma segunda mulher; sÃ no ano 1000 Â© que aboliram a bigamia. Durante a Idade MÃdia, a Igreja CatÃlica defendia que o casamento era sÃ para procriar, pelo que nÃo era lÃcito ter prazer no acto sexual. Apesar disso, SÃo TomÃs de Aquino, no sÃc. XIII, ousar dizer que o prazer era lÃcito, dentro de certos limites. Mas Manuela Ferreira Leite e outros continuam a negar o casamento a quem nÃo procriar. Durante a ditadura de Salazar, por forÃa da concordata com o Vaticano, o divÃrcio era proibido e quem refizesse a sua conjugalidade tinha no Bilhete de Identidade o ferrete de âœcasado, separado judicialmente de pessoas e bensâ. Logo a segunda mulher era estigmatizada como âœamanteâ ou âœgovernantaâ. Era este o lindo resultado da separaÃ§Ã£o da Igreja do Estado. O casamento tinha que ser âœatÃ© que a morte vos separeâ... e muitas mulheres sÃ conseguiram separar-se quando assassinadas pelos maridos. Ainda hoje!

Â Na GrÃcia antiga a homossexualidade nÃo era estigmatizada e hÃi registos de casamentos homossexuais no impÃrio romano, no sÃc. I a.C. Segundo o prestigiado historiador Jacques Le Goff, âœa homossexualidade beneficiou, pelo menos atÃ© ao sÃc. XII de uma certa indulgÃncia da Igreja, ao ponto de uma certa forma de cultura gay se ter desenvolvido no seu seioâ.

Â Em suma, a Igreja e os catÃlicos fundamentalistas deviam antes preocupar-se com os escÃndalos que abalam a Igreja CatÃlica por todo o mundo, com dioceses nos E.U.A. a declararem falÃncia para nÃo terem de pagar milhÃes de dÃlares aos milhares de vÃtimas de abusos sexuais por parte de padres, abusos que, tal como na catÃlica Irlanda, tiveram a cumplicidade da hierarquia da Igreja. Ainda hoje foi noticiado que um padre portuguÃs, responsÃvel pela Pastoral dos Portugueses, perto de Paris, foi preso acusado de pedofilia. VÃo pregar a vossa moral para as vossas igrejas e deixem as leis da RepÃblica para o Estado laico. Deixem de querer castigar quem apenas quer ser feliz!

no JornalÃ Via RÃpida,